

Hospital Santa Izabel

Um patrimônio material e imaterial da medicina brasileira

Pelas suas qualidades arquitetônicas, o Hospital Santa Izabel, no Largo de Nazaré, é um dos bens culturais imóveis mais destacados da capital do Estado da Bahia. Está sob proteção da legislação estadual e a área da antiga chácara, onde está construído, pertence ao sistema de Áreas Verdes sob proteção do Município.

OS ANTECEDENTES

O Hospital de São Cristóvão ou da Santa Casa de Salvador, futuro Hospital Santa Izabel, assistiu ao nascimento da ciência médica brasileira quando D. João VI criou, em 1808, a Escola de Cirurgia da Bahia, funcionando no Hospital Real Militar e ocupando as antigas instalações do colégio dos inacianos. Este curso pioneiro no Brasil foi, em seguida, promovido por Carta Régia de 29 de dezembro de 1815, à condição de Academia Médico-Cirúrgica da Bahia. O Hospital da Santa Casa de Salvador sempre esteve de mãos dadas com esta instituição primaz de ensino médico e chegou a dividir, por algum tempo, o mesmo teto. Em 1816, a recém-criada Academia de Medicina funcionou no Hospital de São Cristóvão e, tempos depois, será a vez desse hospital se abrigar sob o mesmo teto da então Faculdade de Medicina¹, no antigo edifício do ex-Colégio de Jesus, no Terreiro. Podemos dizer que este nosocômio fazia o papel de hospital universitário da Cidade, e continua hoje desempenhando papel importante na formação dos médicos, pois nele são desenvolvidos programas de internato e residência da Escola Bahiana de Medicina.

Na qualidade de primeiro hospital da cidade, foi criado por ocasião da fundação da Cidade do Salvador e do primeiro Governo Geral da América Portuguesa, em 1549. Um dos



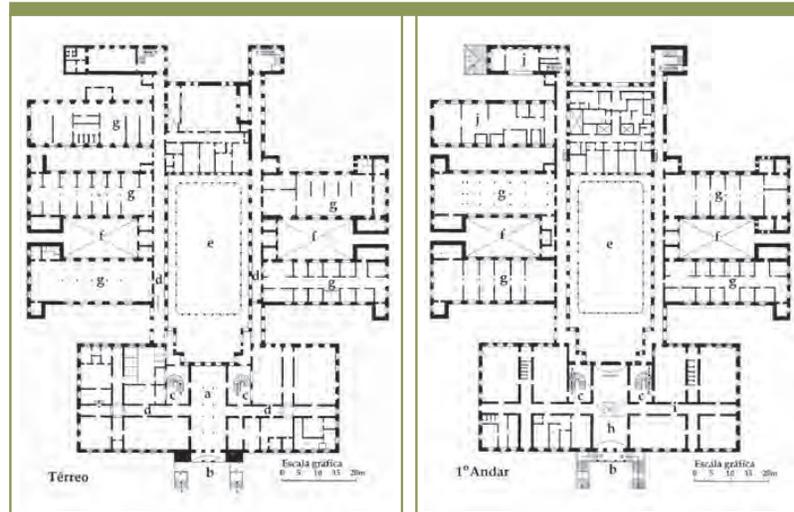
Pórtico e escadaria monumental do Hospital Santa Izabel.

primeiros benfeitores da instituição foi o marinheiro Estevão Fernandes de Távora, mediante testamento, doando dois meses de salários que lhe eram devidos. Recebeu a invocação de São Cristóvão, mas por sua implantação na encosta não havia a possibilidade de expansão das instalações hospitalares, o que constituiu sempre um problema desta instituição de saúde, ao lado da crônica falta de recursos.

A Cidade do Salvador cresceu, física e demograficamente, e com ela, os necessitados de cuidados médicos. Não obstante estas carências, o Hospital de São Cristóvão funcionou por duzentos e oitenta e quatro anos no prédio da Santa Casa, à Rua da Misericórdia², até ser transferido, para dividir o mesmo teto com a Academia Médico-Cirúrgica, promovida a Faculdade de Medicina em 1832.

Desde o século XVIII tentava-se conseguir novos espaços para construção do novo hospital para a Santa Casa (ou ampliar o existente), o que só foi conseguido no final do século XIX. Após analisar três opções de áreas, optou-se pela construção em Nazaré. No entanto, como o Brasil estava passando, no período, por uma série de turbulências políticas, anunciando a tendência separatista de Portugal, a Fazenda Real não se dispôs a destinar recursos para as obras e todas as opções pedidas foram negadas.

Tentando resolver o problema, em 1825, os carmelitas ofereceram à Santa Casa parte do seu convento para ali ser instalado o hospital, o que foi bem aceito pelos irmãos e médicos que visitaram o local. Mais uma vez, não foi possível melhorar as instalações, pela impossibilidade de transferir do local a 1.^a Companhia do 4.^o Batalhão da Guarda Nacional. Pensou-se também na Quinta dos Padres, antiga propriedade dos jesuítas, onde



Plantas dos dois pavimentos do Hospital Santa Izabel (Fonte: IPAC-SIC/CEAB).

a) Salão "Preto e Branco" (antiga portaria e administração); b) Escadaria monumental; c) Escadarias de ferro; d) Circulação; e) Pátio principal; f) Pátios secundários; g) Enfermarias; h) Capela; i) Antiga clausura; j) Centro cirúrgico.

morou o Padre Antônio Vieira, então transformada em gafaria, porém o pedido foi negado por D. Pedro I. Só em 1827 foi definido que uma roça pertencente a Antônio Alves de Carvalho, em Nazaré, seria adquirida, pois atendia todos os requisitos desejados. A compra concretizou-se no ano seguinte, assim como o início das obras. Acontece que estas foram paralisadas pouco depois, para que o projeto do Barão de Bussche, engenheiro alemão, fosse avaliado e concluído. Como o engenheiro queria ser remunerado (o que dissera, anteriormente, não desejar), reteve o projeto até 1829, de modo que em 1830 contratou-se Pedro Weyll para elaborar novo projeto. Por falta de recursos, a obra permaneceu parada. Parte do hospital foi transferida para o antigo Hospital Real Militar em 1833, junto à Faculdade de Medicina, onde permaneceria até que fosse equacionado o problema. Tendo Pedro Weyll falecido em 1839, seu filho Carlos Augusto Weyll, também engenheiro-arquiteto, assumiu o seu

posto. Só que por falta de recursos, as obras foram novamente paralisadas em 1840. A Cidade crescia e, como consequência, epidemias de febre amarela e cólera sobrevieram, sem haver hospitais e médicos suficientes. Urgia, pois, a construção de um hospital maior, dentre outras medidas de saneamento a serem tomadas³.

Mesmo assim, a falta de recursos não permitiu o reinício das obras, o que só aconteceu em 1884, seguindo o projeto de Croesy, após quarenta e quatro anos de paralisação. As obras seguiram lentamente por escassez de recursos, sendo finalizadas em 1893, quando passou a ser denominado Hospital Santa Izabel.

O EDIFÍCIO

Pelas suas qualidades arquitetônicas, o Hospital Santa Izabel, no Largo de Nazaré, é um dos bens culturais imóveis mais destacados da capital do Estado da Bahia. Está sob proteção da legislação estadual e a área da antiga chácara, onde está



Escadaria de acesso ao primeiro andar, simétrica a outra similar.

construído, pertence ao sistema de Áreas Verdes sob proteção do Município.

O edifício apresenta rígida simetria bilateral, de inspiração clássica. O bloco frontal abrigava as funções administrativas e de acolhimento, depois do qual se abre imponente pátio interno capaz de trazer luz e ventilação aos corredores de articulação das enfermarias, cujos eixos são perpendiculares ao eixo principal do edifício. Provavelmente, o partido arquitetônico adotado em planta não foi exclusivamente obra do arquiteto Croesy, mas deve apresentar traços dos projetos iniciais de Barão Bussche e dos Weyll, pois para eles contribuíram conceituados médicos que discutiram sempre com os projetistas os melhores partidos a serem adotados, para atender aos modernos conceitos de higiene que se desenvolveram a partir do século XIX. Na composição da fachada principal há uma forte influência paladiana, sendo o tratamento da escadaria monumental de acesso a tônica dominante da composição, levando a um pórtico coríntio tetrástil, bem

proporcionado, que realça a referida monumentalidade.

A escada monumental, os pisos das áreas de circulação no eixo transversal do edifício e o piso do salão, conhecido como Salão Preto e Branco (antigo vestíbulo do hospital), foram executados com pedra lioz e, em alguns casos, o lioz creme alterna-se com o mármore preto (possivelmente de Mem Martins), à semelhança de tabuleiro de xadrez.

Ornando a referida escada existem lampiões em ferro fundido, mesmo material usado nos postes que se encontram nos jardins e nos portões de acesso à área onde se encontra implantado o imóvel. O ferro também é encontrado, sob a forma de gradil, no patamar superior da escadaria, em inúmeras bandeiras nas portas internas (propiciando a boa aeração do local), nas colunetas do Salão Preto e Branco e nas escadas que o ladeiam, dentre outros.

O piso da capela e as escadas que conduzem a este pavimento e às tribunas são de tabuado. As paredes da capela são revestidas parcialmente por scaiolla, com textura marmorizada, com barra decorativa feita na mesma técnica.

Na fachada principal há falsas cariátides e estátuas decorativas. Um grupo escultórico, feito em mármore italiano (Carrara), representando o Conde de Pereira Marinho com crianças, foi colocado na frente da edificação, homenageando o benemérito Provedor.

Até 1996, o Hospital Santa Izabel continuou sofrendo atribulações, principalmente de ordem financeira, o que só foi resolvido quando foi adotado um sistema gerencial moderno e profissional, baseado na auto-sustentabilidade, que o transformou em um dos centros de excelência do Brasil, em especial na área cardiológica.

É um destacado exemplo de conservação de funções do patrimônio his-



Corredor que leva às enfermarias, com piso de lioz e mármore negro.

tórico edificado, coerente com a mentalidade de preservação da memória da mais antiga instituição de caridade do Brasil, que tem norteado as mais recentes administrações da Irmandade. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ COSTA, Paulo Segundo da. *Hospital de Caridade (São Cristóvão/Santa Izabel) da Santa Casa de Misericórdia da Bahia: 450 anos de funcionamento, 1549-1999*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2006. 2.^a edição, p. 44.

² COSTA, Paulo Segundo da. *Op. cit.*, p. 44.

³ PINHEIRO, Eloisa Petti. *Europa, França e Bahia. Difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 211.

MÁRIO MENDONÇA DE OLIVEIRA,
Notório Saber da UFBA, Professor das
disciplinas de Ciência da Conservação
do PPG-AU (Mestrado e Doutorado),
coordenador do Núcleo de Tecnologia
da Preservação e da Restauração, DCTM/
EPUFBA

CYBÈLE CELESTINO SANTIAGO,
Professora Associada da Universidade
Federal da Bahia, Brasil
Doutora em Conservação do Patrimônio
Arquitetônico pela Universidade de
Évora, Portugal